

revista alere

seção livre

A ESCRITA DE ADA CURADO E SILVINA OCAMPO: TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS E POLÍTICAS DO GÊNERO E DA LITERATURA FANTÁSTICA ENTRE BRASIL E ARGENTINA NO SÉCULO XX

*THE WRITING OF ADA
CURADO AND SILVINA
OCAMPO: HISTORICAL AND
POLITICAL TRAJECTORIES
OF GENDER AND FANTASTIC
LITERATURE BETWEEN
BRAZIL AND ARGENTINA IN
THE 20TH CENTURY*

Danielle Silva Moreira dos Santos - UFG¹

¹ Mestra e doutoranda. GEPEG/CNPQ/UFG-Brasil- Goiânia- Go. Dan.historia.ufg@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de pontuar algumas considerações a respeito da importância dos estudos de gênero, aliados com a Literatura e a História a partir da vida e obras das escritoras brasileira Ada Curado e a argentina Silvina Ocampo, com seus respectivos livros *O sonho do pracinha e outros contos* (1954) e *A fúria e outros contos e contos* (1959). Essas escritoras foram silenciadas pelo cânone historiográfico e literário, e apenas recentemente suas produções têm recebido devida atenção de pesquisadoras e pesquisadores interessados em refletir sobre as práticas políticas e literárias de autoras na América latina e no Brasil. Esse resgate expõe valiosas possibilidades de pesquisa sobre a articulação entre relações entre gênero, história, fantasia e política.

Palavras-chave: História, literatura fantástica, gênero.

Abstract: This article aims to point out some considerations raised about the importance of gender studies, allied with literature and history from the life and works of Brazilian writer Ada Curado and Argentinean Silvina Ocampo, with their respective books *O sonho do pracinha e outros contos* (1954) and *A fúria e outros contos* (1959). These writers have been silenced by the historiographical and literary canon, and only recently their productions have received due attention from researchers interested in reflecting on the political and literary practices of authors in Latin America and Brazil. This rescue exposes valuable research possibilities on the articulation between the relations between gender, fantasy and politics.

Keywords: History, fantastic literature, gender.

Introdução: O gênero ao Sul

As transformações políticas e culturais da década de 1990 suscitaram inovações historiográficas que foram, gradativamente, incorporadas pelos campos historiográficos acadêmicos latino-

americano e brasileiro. Desde então, além de incorporar essas novas reflexões teóricas e metodológicas, algumas historiadoras e historiadores do Sul Global têm se dedicado a pensar os problemas e as questões por meio de perspectivas e ferramentas epistemológicas diversas. Nesse sentido, destaco a atuação de pesquisadoras e pesquisadores que tem buscado garantir que sujeitos subalternizados, especialmente as mulheres cis, trans, pessoas negras e membros da comunidade LGBTQIA+, falem, compartilhem seus conhecimentos e experiências. O maior acesso e presença desses sujeitos nos ambientes acadêmicos, e a estruturação de movimentos sociais tem colaborado com essa transformação historiográfica. Essas vozes utilizam-se, mas também questionam e avançam sobre as mesmas estruturas e categorias de pensamento que os subalternizaram e invisibilizaram.

Raewyn Connel e Rebeca Pearse (2015) defendem que o movimento feminista e *gay* da segunda metade do século XX foram fundamentais para chamar atenção e iniciar uma mudança profunda no conhecimento humano. Mesmo que eles não tenham alcançado todos os seus objetivos, ainda assim causaram um impacto cultural e funcionaram como um “trampolim histórico” que possibilitou as atuais pesquisas sobre gênero. Outras pesquisadoras como Joana Maria Pedro (2011) também reconhecem que o movimento *gay*, lésbico e de mulheres tem favorecido reflexões interdisciplinares que dialogam com gênero, porém, o campo historiográfico, ainda se apresenta um pouco irreduzível. “O campo historiográfico, entretanto, tem sido um dos mais resistentes. A acusação de ser uma “história militante”, portanto, não “científica”, continua a assombrar, mesmo quando há muito já se abandonou a certeza da neutralidade” (PEDRO, 2011, p. 270).

Nessa torrente de transformações e ampliação das fronteiras epistemológicas nas ciências humanas, percebeu-se que escrever a História de maneira assexuada é inviável. Em razão disso, o conceito de gênero (*gender*) passou a ser utilizado com

maior frequência no lugar do termo *mulheres*², evidentemente, isso não ocorreu de forma linear ou harmoniosa, de Norte a Sul a absorção desse conceito ocorreu de forma instável.

Os bastidores revelam *usos e abusos*³, como por exemplo, o caso da historiografia francesa que resistiu em utilizar o termo, por causa da sua origem na língua inglesa, ou mesmo da historiografia argentina, que criou uma divisão entre pesquisadoras acadêmicas, que optavam por utilizar o conceito, em oposição aos grupos militantes que desconfiavam do conceito de gênero e, por isso, geralmente, adotavam o conceito de feminismo, ou invés de gênero (PEDRO, 2011). Para além dessas disputas políticas, a epistemologia feminista se impõe na medida em que se renova e se compromete em repensar seus próprios parâmetros e incorporar as experiências de luta e resistência que se tornam elementares para qualquer análise histórica na contemporaneidade. Dessa forma, percebemos que essas reflexões, iniciada no final do século anterior, ainda se mantém intensamente presentes e urgentes.

Na ordem de gênero, a desigualdade e a opressão têm levado repetidamente a demandas por reformas. Movimentos que buscam essa mudança incluem campanhas pelo voto feminino, pela presença das mulheres em movimento anticoloniais e na representação de governos independentes. Há campanhas por salários iguais, pelo direito das mulheres à propriedade de terras e bens, por reformas da legislação que regula os direitos e práticas iguais de emprego, por direitos reprodutivos, por direitos humanos para homens e mulheres transsexuais e pessoas transgênero, contra a discriminação na educação, contra o machismo na mídia de massas, contra estupros e violência doméstica (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 43).

2 A historiografia europeia, inicialmente, passou a incorporar a categoria “mulheres”, tendo como marco a organização da coleção *A histórias das mulheres no Ocidente* pelos historiadores franceses George Duby e Christiane Zuber. Amplamente influenciados pelos movimentos feministas, o tema foi aparecendo nos círculos acadêmicos, dentro e fora da Europa, o que resultou na publicação de livros como *História das mulheres no Brasil* (1997) e *História de las mujeres em la Argentina* (2000).

3 SCOTT, Joan. *Usos e abusos do gênero*. Trad. Ana Carolina Coelho Soares. Projeto História, São Paulo, n. 45, de3z/2012. P. 327-351.

Inicialmente, o conceito de gênero serviu para apontar e demarcar a dicotomia entre homens e mulheres, defendendo que as diferenças sociais entre ambos são reflexos de uma distinção biológica. Recentemente, objeções e aprofundamentos têm sido levantados: O binômio macho/fêmea não é suficiente para compressão da vida humana em suas várias instâncias e complexidades; as diferenças das mulheres entre si ou dos homens entre si, também precisam ser colocadas em questão; a produção dos corpos e das identidades de gênero não é apenas um fenômeno individual, assim como cita Raewyn Connel e Rebeca Pearse⁴, “os problemas ambientais estão ligados a padrões globais intensificados de produção e consumo que, por sua vez, tem dimensões generificadas” (2015, p.48). Assim para essas autoras, “gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (2015, p.48).

É dentro dessa estrutura de relações que a história e a literatura se construíram. E a aproximação entre essas esferas do conhecimento tem apontados interessantes caminhos que corroboram com a historicização das experiências e das identidades. A história precisa reconhecer a importância da construção textual. A produção textual é uma forma de intervir no mundo, uma vez que a linguagem escrita é a estrutura através da qual a História é traçada, o tecido sobre o qual a História é tecida. Há uma diferença política e metodológica entre a História e a Literatura, que precisa ser reconsiderada, especialmente por parte da História, conforme explica Joan Scott, a partir das considerações da linguista Gayatri Spivak:

A história fornece categorias que nos permitem compreender as posições sociais e estruturais das pessoas (como trabalhadores, subalternos e assim por diante) em novos termos, e esses termos definem uma identidade coletiva com

4 Connel e Pearse também se diferenciam de outras teóricas do gênero como Judith Butler que priorizam a dimensão linguística e discursiva, e preferem enfatizar a dimensão material do gênero. Nesse artigo buscamos conciliar as duas noções, considerando que prática e discurso não precisam ser pensados separadamente.

potencial político (talvez até revolucionário, mas certamente subversivo). A literatura relativiza as categorias que a história designa e expõe os processos que constroem e posicionam os sujeitos. (1998, p. 318).

Nossa tarefa, enquanto historiadoras e historiadores é tornar perceptível a maneira como os sujeitos são posicionados no passado, avaliando as operações e processos práticos e discursivos, complexos e mutáveis, pelos quais identidades são produzidas, reafirmadas, impostas, acatadas ou rechaçadas. É sobre esses campos que tenho me debruçado ao longo da minha trajetória de pesquisa. Não se trata apenas atribuir uma identidade essencialista e estanque para as mulheres e incluí-las na narrativa História, criando uma narrativa “exclusiva” para elas, como fizeram as primeiras coletâneas dos anos 1990, além de tantos outros compêndios ou “dicionário de mulheres”.

Não é nossa intenção estimular que a escrita da história das mulheres seja feita paralelamente a escrita da História, com “H” maiúsculo. É necessário romper preconceitos epistemológicos e fazer com que as relações de gênero sejam reconhecidas como o que elas são; um instrumento teórico legítimo das ciências humanas e que ao lado de outras categorias como classe, raça e geração, contribuem decisivamente para a escrita de uma história menos fundamentalista e mais humana. Como indica Joan Scott (1998), nós historiadoras podemos fazer muitos mais do que simplesmente construir sujeitos, descrevendo suas experiências a partir de uma identidade essencialista.

Para isso, simplesmente pontuar que essas escritoras existiram e contar as suas histórias como mulheres ou escritoras, não é mais suficiente, ainda que seja uma parte inicial e importante do processo. Trata-se de refletir a respeito dos motivos pelo qual essa história canônica rechaça o gênero e as sexualidades, buscando compreender e rever esses apagamentos, para finalmente escrever uma história desses indivíduos e suas produções, contextualizando suas narrativas dentro de um panorama teórico que privilegie e articule as práticas, discursos, representações e as identidades.

A fantasia: O “gênero” da subversão

A partir do século XIX as mulheres tiveram maior acesso à leitura e a escrita, especialmente as mais abastadas. “Imaginava-se que elas eram governadas pela imaginação e inclinadas ao prazer e, como não tinham ocupações sólidas, nada as afastaria das desordens do coração – e das desordens do corpo, que são as piores” (ABREU, 2006, p.102). A aproximação entre elas e os livros passou a ser percebida com uma certa desconfiança. Por muito tempo, as mulheres que liam ou escreveram eram consideradas potencialmente subversivas.

A relação entre subordinação e insubordinação ronda não só as mulheres letradas, mas também a própria literatura., uma vez que outra peculiar “rebeldia” sempre foi associada a literatura fantástica. Essa modalidade literária é indócil, pois escapa e resiste as tentativas de enquadrá-la em uma rígida definição. Mas se por um lado esse labirinto teórico no qual essa literatura está mergulhada tende a ser visto de forma negativa, sinal de demérito e símbolo de uma suposta inferioridade literária, por outro lado, a imprecisão é analisada como espaço de possibilidades para reflexões e debates profícuos.

Tzvetan Todorov é um dos autores que insiste que a literatura fantástica seja considerada um gênero literário. A definição do linguista búlgaro é bem específica e restritiva. Segundo ele, a presença do que ele chama de *hesitação*⁵, do personagem ou do leitor é o que caracteriza o gênero. Todorov também cria subcategorias “vizinhas” ao fantástico, tais como *maravilhoso* e *estranho*. A hesitação todoroviana repercutiu e em análises de autores posteriores, e apesar de várias críticas terem sido identificadas, a proposta de hesitação se manteve, por

5 “É necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem. Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética” (TODOROV, 2003, p. 19).

muito tempo como fundamental para a definição desse tipo de literatura. O autor declara que o fantástico pertence ao “tempo da incerteza”, pois o que garante a qualidade “fantástica” a uma obra é um detalhe, que o autor em questão chama de hesitação.

Mas na contramão dessas temos considerações, outros pesquisadores definem o fantástico como uma modalidade e criam outras denominações como literatura do insólito ou literatura especulativa⁶. “Quando se pensa em fantástico-gênero, vislumbra-se Todorov como sendo o baluarte dessa corrente, e quando se fala em fantástico-modo, é inevitável pensar em Ceserani” (MATANGRANO, 2019, p.10).

Para evitar contemplar as produções das duas autoras e insistir nas valiosas e interessantes possibilidades de análise histórica dessa literatura, seguimos a noção de que o fantástico é uma modalidade, portanto, mais abrangente do que a noção de gênero literário. A possibilidade de ampliação da análise ocorre justamente por se tratar de um tipo de produção cuja definição é instável e, logo, permitir abarcar texto com características muito diversas, sem prejudicar a pesquisa. Assim, “a ficção fantasiosa – poder-se-ia dizer, ajustando o vocábulo, “fantasia” – engloba “diferentes gêneros (entre os quais o maravilhoso, o estranho e o fantástico), assim como certas zonas-limites do misterioso” (FURTADO apud MATANGRANO, 2019, p.15).

Selma Calazans Rodrigues (1988) afirma que a América Latina contemplou o surgimento da literatura fantástica, na década de 40, do século XX. Nomes como Jorge Luís Borges, Alejo Carpentier, Júlio Cortazar se consolidaram e foram escolhidos como os grandes percursores dessa literatura. Na América Latina essas narrativas especulativas no século XX desenvolveram-se a partir dos conceitos de realismo fantástico ou realismo maravilhoso. Tais definições, conforme explica Selma Rodrigues, foi uma maneira empreendida pelos próprios escritores para se diferenciarem do que era produzido na Europa.

Duas tendências marcaram a modalidade fantástica de

⁶ Roberto Causo entende a ficção especulativa “como uma tradição, que bebe de fontes míticas, satíricas, utópicas, romanescas e mesmo científicas, para realizar-se como um corpo multifacetado de possibilidades ficcionais, existindo em interação com o ministram literário” (2003, p.45).

língua hispânica na América: Uma relacionada ao espaço urbano, preocupada em desconstruir o fantástico tradicional europeu, desvencilhando-se de qualquer postulado da verossimilhança sem a necessidade de apresentar vacilação entre o real e o sobrenatural. É nessa tendência que obras de Silvina Ocampo podem ser colocadas (SOUSA, 2017).

E outra tendência, mais focada no espaço rural, que dialoga mais com o folclore local e que revisita a história da América hispânica.

Desde o momento em que o europeu aqui pisou, [a América] tornou-se uma terra maravilhosa e estranha, onde deslumbramento e terror se fundem no cotidiano de um “Eu” transplantado, que não consegue nem totalmente manter-se europeu, nem se deixar absorver pela nova terra. Daí a aceitação do maravilhoso pela literatura do realismo mágico ou do real maravilhoso, que veio fazer o fato fantástico a forma narrativa folclórica, convivendo com o realismo que pressupõe o domínio do científico e do racional, porque a ciência e a razão Ocidental nunca se fixaram de maneira plena e bem articulada com todos os setores de composição social e cultural (CAUSO, 2003, p.87).

Comparando a trajetória dessa modalidade literária no Brasil com o restante da América latina, podemos perceber uma sensível diferença. No Brasil do final século XIX e início do XX, ocorreu a predominância de modalidades realistas e naturalistas, o que fez com que a literatura fantástica não despertasse tanto interesse da crítica e tivesse pouco destaque diante dos romances de folhetim de cunho moralizantes e demais textos literários ufanistas que serviam para reforçar determinados papéis de gênero ao mesmo tempo em que colaboravam diretamente com a construção de uma identidade política nacional (SCHMIDT, 2019). Entretanto, é importante pontuar que a o apagamento das escritoras, ofuscadas por outras produções, geralmente de autores homens, é algo incomum nos dois contextos, tanto no Brasil como no restante da América do Sul e Central.

No interior do Brasil, local do qual Ada Curado escreveu. A literatura conhecida como regionalista era dominada por homens que falavam sobre a vida sertaneja, práticas religiosas, folclore e os problemas políticos. Dentre a mulheres que se destacam, temos a literatura de Cora Coralina, poetisa consagrada. Historicamente, a poesia era o gênero literário comumente associado às mulheres. Ada Curado, por outro lado, não se interessou muito por poesias, escreveu apenas um livro de poesia, publicado apenas em seus últimos anos de vida. O que também pode ter colaborado para seu apagamento.

A vida literária goiana apresenta um rol considerável de mulheres escritoras, cujas obras, entretanto, com raras exceções, são uma aceitação passiva ou entusiástica do papel subalterno da mulher [...], apesar de tudo é Ada Curado talvez a escritora que tenha ressaltado com mais agudeza aquela condição ancilar da mulher numa sociedade agropecuária, onde ela desempenha um papel de enorme importância [...] Quanto aos escritores, a literatura deles, nesse particular, reflete bem o ambiente sertanejo, no qual a mulher (embora presença marcante) é uma sombra e uma reclusa. Talvez por isso, na literatura feita em Goiás, vultos femininos não se sobrelevem (ÉLIS apud SCHMALTZ, 2001, p.66).

Silvina também vivenciou situação parecida. Foi ofuscada pela literatura de seu amigo Borges, do seu marido e pela atuação da sua irmã Victória Ocampo que criou e dirigiu uma revista na qual Silvina publicava. O reconhecimento da qualidade e do valor literário dessas autoras e de outras autoras, é algo recente. É interessante destacar apenas em 2020, uma brasileira foi contemplada, pela primeira vez, com uma importante premiação

conhecida como o “Óscar da ficção científica”⁷, o que sugere que fissuras no cânone estão em andamento. Essas rupturas abrem oportunidade para a construção de um profícuo campo de estudo, partindo das categorias de gênero, política e fantasia. Como historiadora, estimulada pelas questões do tempo presente, eu me pergunto, o porquê desse atraso, sendo que, fora da Europa, as mulheres já escrevem e publicam obras de caráter fantástico desde o século XIX.

Rita Terezinha Schmidt, ao refletir sobre a identidade de mulheres escritoras, denota como a História da literatura é uma área de domínio masculino e conclui que “na modernidade, a institucionalização da função autoral, como sustentáculo da autoridade literária, sempre esteve associada à identidade do autor, lugar da prerrogativa masculina de exercitar o dom da palavra” (2008, p.56). De acordo com Márcia Abreu (2004) a qualidade literária do texto não é critério absoluto [...], para além do texto em si, é preciso que se leve em consideração quem é o autor, ou a autora. São os conhecimentos prévios sobre ele ou ela, seu lugar na tradição literária, seu prestígio social, seu reconhecimento político (etc.) que dirigem a leitura e a recepção de suas obras. Márcia Abreu apresenta em seu livro *Cultura Letrada: Literatura e leitura*, alguns exemplos que nos permite constatar que não são raros os casos em que uma obra se torna sucesso apenas em razão de terem sido produzidos por autores já consagrados. A autoria precisa ser colocada em questão, tal qual a noção de “boa literatura” ou “má literatura”, que também deve ser historicizada. Isso nos ajuda a compreender por que tantas mulheres e outros sujeitos marginalizados e invisibilizados pela história, são encontrados também às margens do cânone literário, esse silêncio que grita, tem alcançado os ouvidos de pesquisadoras e pesquisadores que se utilizam das relações de gênero como fundamento teórico em suas pesquisas.

7 “Ana Grilo e Thea James, foram as vencedoras na categoria Melhor Fanzine através do trabalho no blog The Book Smugglers, dedicado a resenhas de obras de ficção científica, especulativa e de gênero, além de ser a casa de diversos trabalhos curtos”. TEIXEIRA, Leonardo Ávila Teixeira. Por dentro da inédita conquista brasileira na ficção científica. G1, 09 de agosto de 2020. Reportagem disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2020/08/por-dentro-da-inedita-conquista-brasileira-na-ficcao-cientifica.html>> Acesso em abril 2021.

As escritoras

Silvina e Ada são mulheres bastante interessantes e possuem algumas questões em comum, como o fato de terem nascido no mesmo século, em países colonizados, terem se dedicado à literatura fantástica e, principalmente, terem sofrido com um apagamento histórico que lhes foi imposto. A quase totalidade de trabalhos sobre ambas as autoras são no campo das letras, linguística ou tradução. O que denota o pouco interesse por parte da história em se debruçar sobre a vida e obras dessas escritoras.

Silvina Inocencia María Ocampo y Aguirre era a mais nova dos seis filhos do rico casal Manuel Silvino Ocampo e Ramona Aguirre. Ela nasceu em Buenos Aires em 28 de julho de 1903. Em 1911 Silvina teve contato precocemente com a morte, ao viver a tragédia de perder uma irmã, Clara Ocampo, aos 11 anos de idade. Por pertencer a uma família burguesa e socialmente bem colocada, a jovem Silvina sempre teve bastante incentivo para desenvolver sua criatividade. Ainda criança teve aulas de francês, inglês, espanhol e italiano, além de ciências naturais, aritmética, história, piano, música e desenho. Posteriormente, estudou desenho e pintura na França e ao voltar para Buenos Aires, desenvolveu trabalhos com a pintura e passou a ter acesso ao cenário cultural argentino. Em 1940⁸, Silvina Ocampo se casou com Adolfo Bioy Casares. Ela foi contista, tradutora, poetisa, e colaboradora da *revista Sur*, fundada pela sua irmã Victoria Ocampo em 1931.

Dentre suas principais obras estão *Viaje Olvidado* (1937), *Autobiografía de Irene* (1948), *La furia y otros cuentos* (1959), além de seus primeiros livros de poesia: *Enumeración de la patria* (1942) e *Espacios métricos* (1945). Silvina também realizou críticas cinematográficas. Foram publicadas mais de 30 obras de Silvina, incluindo livros de poesia, contos, contos infantis,

8 No mesmo ano organizou e publicou juntamente [com seu esposo] e com Jorge Luis Borges a *Antología de la literatura fantástica*, obra bastante conhecida e emblemática dentro da corrente literária fantástica, e que reúne 75 contos selecionados pelo trio de organizadores e traduzidos para o português diretamente do espanhol. Nessa antologia, consta apenas um conto de Ocampo: *La Expiación* (SOUSA, 2017, p.24).

novelas, antologias e teatro⁹. A autora argentina ganhou vários prêmios por suas obras. Silvina foi uma mulher mais discreta

Ada Paiochinni Ciocci era filha Nazareno Ciocci e Josefina Paiuchini Ciocci uma família de artesãos italianos que migram para o interior de São Paulo. Ela nasceu em Jardinópolis, no Estado de São Paulo no dia 02 de setembro de 1916. Ada tinha 4 irmãos e 5 irmãs. Ainda criança, a família mudou-se para Pedregulho, também no interior de São Paulo, próximo à divisa com Minas Gerais, onde Ada cursou o ensino primário. Foi nessa mesma cidade que, em 1933, a jovem Ada conheceu seu futuro esposo, Gentil Fleury de Amorim Curado (10/11/1898-25/04/1980) membro de uma influente família goiana. Ada e Gentil casaram-se, ela adotou o sobrenome do marido e no ano seguinte o casal se mudou para Goiás. Tiveram duas filhas: Messias Josefina e Cecy Aparecida. No início da década de 50 Ada morava em Goiânia na Rua 18, no centro da capital, mas antes de residir na capital a família se mudou várias vezes, passando por Anápolis, Ipameri, Goiás, as várias mudanças, provavelmente ocorreram por causa da profissão do marido que era militar.

Na década de 1950, na nova capital de Goiás, surgiram importantes instituições de ensino como a Universidade Católica de Goiás (1958) e Universidade Federal de Goiás (1959). Nesse contexto de fervências cultural no interior do Brasil, Ada estudou inglês e piano e conseguiu se dedicar às suas obras. Ao longo de sua vida, foi uma artista bastante versátil. Dentre suas obras principais, constam: o romance *Morena* (1958); que a consagrou como escritora e foi inspirado na vida de sua cunhada; a coletânea de contos *O Sonho do Pracinha e outros contos* (1954); *Paredes Agressivas* (1977); *Nego Rei* (1966); *Figurões* (1985); onde tratou de assuntos políticos; uma peça intitulada *Sob o tormento da espera* (1979). Além disso, no gênero de poesias, ao qual a maior parte das escritoras se dedicava, Ada produziu o livro *Acalanto* (1991), uma de suas últimas grandes obras.

9 Houve também publicações póstumas como a autobiografia em versos: *Invenções del recuerdo*, publicada em 2006. E obra em colaboração com seu esposo como, a novela policial *Los que amam, odian* (1946).

Ada Curado simbolizou a modernidade contística feminina goiana. Iniciando como vimos em 1954, continuou escrevendo livros de contos sendo o seu último publicado em 1985, 31 anos depois. Esta última obra, intitulada *Figurões*, já apontava uma evolução temática e estética” (CURADO, 2003, p.101).

Algumas de suas obras lhe renderam vitórias, homenagens e premiações em concursos de literatura. Dentre eles, o prêmio por participação no concurso “Contos de Natal” da Rádio Brasil Central com o texto “Afilhado de Nossa Senhora” e homenageada pela antiga Associação Brasileira de Escritores de Goiás. Ada declarava-se “paulista de nascimento, mas goiana de coração”, pois apesar de não ter nascido em Goiás, foi lá que ela passou a maior parte de sua vida. Ada participou de jornais como o *Jornal Oio* foi convidada a participar, em 1954, do I Congresso Nacional de Intelectuais, sediado na recém-inaugurada capital do estado de Goiás. Em agosto do mesmo Ada foi convidada para participar da Conferência Latino-americana de Mulheres que ocorreu no Rio de Janeiro, e ajudou a fundar a *Academia feminina de Artes e Letras de Goiás* (AFLAG) em 09 de novembro de 1969.

Consideramos que a literatura como um tipo de conhecimento, uma maneira de compreensão de si e do mundo, age na construção do gênero. Construção essa que ocorre de maneira ambígua e sinuosa. Ada e Silvina escreveram sobre a experiência de ser mulher, mesmo que esse não tenha sido o objetivo primordial de suas obras.

Questões políticas encontram espaços nas páginas das obras de ambas as autoras, No conto o *carrasco*, o tema da tortura e da pressão política conduz a narrativa, que culmina com a morte do Imperador que ouve seu próprio grito de socorro, dentro de uma urna que deveria guardar apenas as vozes de presos políticos torturados. No conto *sonho do pracinha*, um soldado desertor critica a violência da guerra e a as desigualdades sociais, ao sonhar e imaginar um país onde as instituições democráticas funcionam perfeitamente. Crimes, conflitos familiares e a infância também serviram de inspiração literárias para ambas as autoras.

O gênero do esquecimento e o gênero da fantasia

A hegemonia epistemológica branca, masculina e heterossexual menospreza a “fantasia” dentro da literatura, mas, também, diminuiu a sua importância para o entendimento de práticas políticas e das relações de poder. Algo que recentemente vem sendo discutido por autoras como Joan Scott:

A imaginação humana (impulsionada pelo menos em parte pelo desejo inconsciente) brinca com os limites que os cientistas sociais estabelecem: o campo da economia nunca se refere apenas a satisfazer as necessidades básicas, o da política nunca se refere apenas às lutas entre atores com interesses próprios racionalmente motivados. Esses domínios também recebem interferências de projeções fantasmagóricas que mobilizam desejos individuais em identificações coletivas. [...] A fantasia, então, tem manifestações tangíveis, resultados materiais. (2019, p.16)

Os estudos feministas e de gênero tem se comprometido em revelar como essa mesma “ordem” epistemológica também atuou no sentido de tolher as iniciativas intelectuais das mulheres, persuadindo-as a se dedicarem, exclusivamente, as funções que se restringisse aos “cuidados do lar” e afazeres domésticos não remunerados. Os corpos das mulheres foram colocados à disposição de atividades que não lhes exigiam nada muito além de serem belas, pacientes, organizadas, graciosas, dedicadas, zelosas e agradáveis.

Como o feminismo descobriu, o conhecimento sobre o gênero precisa ser reconsiderado de novo e de novo, à luz das dinâmicas mutantes de gênero encontradas na política mundial de gênero. Dada essa vontade de aprender, estamos convencidos de que a teoria de gênero e a pesquisa podem ter um papel significativo na construção de um mundo mais democrático (p. 289).

Considerações finais.

Ao final do século XIX e por todo o século XX, inúmeras foram as mulheres que se dedicaram ao estilo literário conhecido como literatura fantástica. Ada e Silvina não foram as únicas. No Brasil, destaco a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), apontada como a primeira romancista negra. Ela escreveu o romance *Úrsula* (1859), considerada a primeira obra de terror escrita por uma mulher no Brasil, na mesma data tivemos a publicação de *D. Narcisa de Villar* pela catarinense Ana Luísa de Azevedo e Castro (1823-1869). No Amazonas, a cearense Emília de Freitas (1855-1908) publicou *A rainha do Ignoto* (1899), Adalzira Bittencourt (1904-1976) escreveu, no Sudeste, *Vossa excelência, a presidente da República no ano de 2500* (1929), Ercília Nogueira Cobra (1891-?) escreveu *Virgindade Inútil* (1927), uma das poucas obras que trata o tema da sexualidade das mulheres. A paulista Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) publicou a *Margarida de La Roque* (1949). Outras autoras, como as cariocas Albertina Bertha (1880-1953) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) produziram textos de cunho psicológico e de terror. Na segunda metade do século XX cito a cearense Raquel de Queiroz (1910-2003) e paulista Lygia Fagundes Telles (1923-). Por toda a América latina também destaco a mexicana Elena Garro (1916-1998), a porto-riquenha Rosário Ferré (1938-2016) e peruana Isabel Allende (1942-), além de possivelmente tantas outras que a pesquisa ainda não conseguiu mapear.

Se considerar outras regiões do mundo, temos o livro *O sonho de Sultana* (1905) de autoria de escritora bengalesa Roquia Sakhawat Hussain (1880-1932) e *Terra das mulheres* (1915) da estadunidense Charlotte Perkins (1860-1935), que também são grandes exemplos de narrativas utópicas fantásticas e científicas que apenas recentemente tem sido reeditadas e se tornado objeto de pesquisa.

O cânone, que pode ser considerado um espaço de poder, sempre foi um ambiente pouco amistoso com o “frágil e belo sexo”. Mulheres

intelectuais e escritoras sempre foram exceções nas narrativas da história da literatura, da ciência e das artes. A compreensão a respeito dessa ausência está muito mais relacionada à maneira como e por quem a história foi escrita, do que, necessariamente, uma real inexistência ou indisposição das mulheres para o universo da palavra. Inúmeras foram as mulheres, de diversas camadas sociais, raças/etnias, identidades de gênero e sexualidades, que desde o século XIX, já faziam da escrita um ofício (SOARES; SANTOS, 2020, p. 297).

Essas produções de autoria de mulheres ficaram à margem dentro do universo da produção literária que se impôs, historicamente, com um espaço de legitimação e afirmação dos sujeitos masculinos. Essa modalidade de escrita fantástica, tal qual as escritoras, foram sendo colocadas de lado pelo próprio cânone literário. Tradicionalmente, esse tipo de literatura, ainda tem sua importância diminuída, frequentemente, associada à literatura infanto-juvenil. Conforme evidencia Júlio Jeha (2001), o surgimento da filosofia clássica na antiguidade relegou mitos e lendas a um patamar inferior. A epistemologia ocidental moderna e a teoria crítica seguiram essa tendência de desvalorização de tudo aqui que, eventualmente, mascarasse ou dissimulasse a realidade. Nessa hierarquia das formas de pensar e conhecer a razão e filosofia ficaram acima da fantasia, das emoções e da imaginação.

As mulheres, percebidas mais como “seres” do que como “sujeitas”, foram sendo educadas dentro de uma “ordem de gênero” que criou uma prerrogativa de superioridade intelectual masculina e reforça a suposta incapacidade delas de executarem adequadamente atividades relacionadas à erudição. Como se os seus corpos não fossem aptos a exercer atividades que a astúcia, criatividade e raciocínio. Essa percepção impregnou-se em todos os espaços de poder, como nas instituições, de maneira a invisibilizar a atuação política dessas mulheres e dificultando o resgate histórico de suas respectivas obras literárias. Sendo necessário, portanto, pensar novas estratégias epistemológicas

e historiográficas que colaborem com o rompimento desse panorama na História, na ciência e nas artes.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CARGNELUTTI; Camila M.; REIS, Marcos. *O gênero como categoria de subversão do patriarcado: diálogos e interseções entre Literatura e História*. Gláuks: Revista de Letras e Artes, v. 17, n.2, p.40-55, jul/dez, 2017. Disponível em < <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/27/22> >. Acesso em: jul.2021.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. V. 13. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

COLLING, Ana Maria. *A construção da cidadania da mulher brasileira: Uma genealogia*. São Leopoldo (RS); Oikos, 2021.

CONNEL; Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: Uma perspectiva global*. 3º ed. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

DEPLAGNE, Luciana; CAVALCANTI, Idney. *Utopias sonhadas / distopias anunciadas: Feminismos, gênero e cultura queer na literatura*. João Pessoa: UFPB, 2019.

FANGMANNM, Cristina. *Ese infinito recinto impenetrable Memoria, olvido y auto-imagen en Silvina Ocampo*. IPOTESI – Estudos Literários, v. 11, n.2, p.47-60, 2007. Disponível em < <file:///C:/Users/danie/Downloads/19343-Texto%20do%20artigo-79882-2-10-20180530.pdf> >. Acesso em: jul.2021.

FERNANDES, Luiz Carlos. *O fantástico e o maravilhoso da solidão latino-americana*. Itinerários, Araraquara, n.19, p.55-65, 2002. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2655/2343> >. Acesso em: jun.2021.

JACKSON, Rosemary. *Fantasy: The Literature of Subversion*. Taylor & Francis e-Library, 2009.

JEHA, Júlio. *A semiose da fantasia literária*. Signotica (UFG), Goiânia, v. 13, n.1, p. 117-136, 2001. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7295/5162> >. Acesso em: jul.2021.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico brasileiro: O insólito literário do Romantismo ao Fantatismo*. Curitiba: Arte & Letras, 2019.

PRADO, Maria Ligia. *Utopias latino-americanas: políticas, sociedade e cultura*. São Paulo: Contexto, 2021.

PEDRO, Joana Maria. *Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. Topoi, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan.-jun. 2011. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/topoi/a/yy9vP5JS9VSb9MCMrxCWZBG/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: jun.2021.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS JR, João Júlio G. *História Global: Um empreendimento intelectual em curso*. Revista Tempo, v. 23 n.3. set./dez. 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Na literatura, mulheres que reescrevem a nação*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (orgs). *Pensamento feminista brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

_____. *Quem reivindica a identidade?* Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 4, n.1.p. 49-60. jan./jun. 2008. Disponível em < <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/546/350> >. Acesso em: jun.2021.

SCOTT, Joan Wallach. *Outras reflexões sobre gênero e política*. Crítica Histórica. Ano X, 19/jun/2019. p.10-38. Disponível em <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/8333/pdf> > Acesso em jun/2021.

SOARES, Ana Carolina E.C.; SANTOS, Danielle M. dos. *A intelectualidade telúrica de Ada Curado: Uma grande escritora*

em Goiás no século XX. *Dimensões*, v. 45. Jul.-dez. 2020, p. 284-314. Disponível em < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/32842> > Acesso em jun/2021.

SOUSA, Mauí Castro Batista. *Tradução Comentada de contos fantásticos de Silvina Ocampo: Uma seleção de narrações sobre a infância*. 2017. 218 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Coleção Debates 98. 2ª edição. São Paulo, SP: Perspectiva, 2003.